

Os movimentos juvenis pioneiros, como outros movimentos juvenis, operavam fora do âmbito familiar e escolar, procuravam organizar a juventude em grupos com novos tipos de identificação, enfatizavam a identidade etária e a coesão grupal, criavam um certo afastamento da sociedade adulta e do meio externo em geral com vistas a uma nova realidade social. Ao questionarem e procurarem quebrar seus vínculos com as instituições sociais do meio em que viviam (adultas, restritivas, hierárquicas, de valores pequeno burgueses), os *chaverim* dos movimentos (especialmente nas camadas mais velhas) já estavam comprometidos com outro projeto social e outro conjunto de valores ligados a uma estrutura institucional que se consolidava, em um processo de construção do qual poderiam (e eram incentivados a) participar ainda como *revolucionários*.⁸²

Esses movimentos contavam com um certo apoio adulto entre familiares e membros de sua comunidade simpaticizantes do sionismo além das organizações sionistas, portanto, mesmo na fase propriamente juvenil, o “rompimento com o mundo adulto” não era total. Por outro lado, as propostas de mudanças radicais exigiam dos *chaverim* um grande desprendimento diante da sociedade em que viviam.

Crianças e adolescentes acabaram sendo introduzidos nas atividades dos movimentos juvenis através do proselitismo para que pudessem, aos poucos, tomar contato com a ideologia pioneira e abraçar a causa sionista socialista. Assim, criou-se um sistema de manutenção dos movimentos: quando os jovens mais maduros emigravam, os movimentos juvenis na Diáspora não se esvaziavam, eram alimentados por membros formados ao longo do tempo pelos próprios movimentos.

No final dos anos 20, movimentos juvenis como esses também se desenvolveram na Palestina e, na década seguinte, (perdendo o caráter relativamente autônomo de suas origens na Diáspora) transformaram-se em organizações juvenis filiadas a movimentos de adultos e ligadas mais estreitamente aos objetivos das comunidades kibutzianas já estabelecidas. Nos anos 30, quando o sistema escolar do *Ichuv* (a coletividade judaica em *Eretz Israel*) deixou de enfatizar tanto a ideologia revolucionária (como costumava fazer), os movimentos juvenis passaram a receber grande estímulo por parte dos setores trabalhistas interessados na difusão dos valores pioneiros, na manutenção do seu *status* de elite e preocupados com as necessidades de defesa e colonização. Com o tempo, do ponto de vista da coletividade judaica de *Eretz*, os movimentos juvenis passaram a gozar uma grande legitimidade social, além de aproximarem seus jovens membros e os grupos da coletividade judaica identificados com os símbolos da ideologia pioneira. Vários de seus líderes e instrutores tornaram-se figuras importantes na cultura local e muitos de seus estilos de comportamento, canções e “modas” difundiram-se e acabaram incorporadas pelo *Ichuv*.⁸³ A criação do Estado multiplicou as possibilidades de contatos, envio de materiais e apoio aos movimentos juvenis do resto do mundo por parte de instituições israelenses.⁸⁴ O Dror no Brasil foi um dos beneficiários dessa nova fase.

2.2. A imaginação criadora: idéias forjadas no Brasil

O Dror no Brasil (à Katzenelson) dava mais importância à comunhão de ideais (revolução social e reconstrução nacional judaica) e capacidade de ação que à unidade teórico-filosófica entre seus membros. Sendo assim, não importava muito se o *chaver* fosse “socialista ético”, marxista ou anarquista, ou mais favorável a Gordon, a Borochof, ou nem

se inclinasse mais por uma ou outra tendência, sendo movido por outras racionalizações ou crenças, bastando que não se opusesse aos objetivos fundamentais do Movimento.

...era uma coisa muito livre. Tinha essa grande vantagem, porque a gente se auto-guiava com uma idade incrivelmente precoce. Nós não tínhamos um modelo fechado tipo PC [Partido Comunista] em que vinha alguém e dizia "- Essa é a verdade e o resto você pode esquecer". Era uma proposta aberta. Havia todo o sionismo, mas era um sionismo bastante discutível e o socialismo era uma coisa muito aberta. [13]

... O grupo mais velho era muito intelectualizado, algumas vezes as discussões pegavam fogo: política sempre deu margem a grandes brigas... a única coisa que se tinha de comum era ser socialista e sionista (pontos pacíficos do Movimento), o resto dava margem a opiniões pessoais: "sionista de que tipo?", "socialista como?"... [7]

Gordon e Borochoy, por exemplo, eram lidos e igualmente discutidos no Dror apesar de reconhecidas (nem sempre) suas diferenças, que não chegavam a ser vistas como contradições ou incongruências.⁸⁵ As palavras exaltadas de Gordon atraíam pelo apelo à sensibilidade e emoção, falavam às tendências mais românticas e voluntaristas dos *chaverim*. Borochoy os pegava pela lógica e pelo estímulo dado por sua análise histórica apontando rumos do socialismo e do povo judeu, sendo considerado mais adequado ao estabelecimento de diretrizes futuras e práticas. As vertentes ideológicas do Dror eram várias, mas todas caminhavam para uma mesma direção, o kibutz em Israel. Além disso, como os teóricos não foram os principais responsáveis por acender a chama que conduzia os *chaverim* no Movimento (e sim uma série de condições históricas e particularidades já apontadas), na prática, a doutrina teórica em si não tinha tanto peso entre esses jovens. Para eles, a teoria servia principalmente a propósitos de ação.

Embora nós pensássemos em termos práticos, nós tínhamos que nos fundamentar [era preciso ter o apoio de autores] (não dava para falar: "- Esse é o ideal do Bernardo Cymyng: (...)") era preciso apelar para algum ideólogo, então você tinha que falar do Ben Gurion, do Berl Katzenelson, do Sirkin, do Borochoy, mas não éramos especialistas. [3]

De fato, serviam ao Movimento tanto traduções de fontes primárias quanto vulgarizações mais do que simplificadas do sionismo, socialismo e marxismo. Muitas vezes não havia um aprofundamento teórico maior e de fato a *ideologia* do Dror estava em grande parte sujeita às interpretações, algumas vezes bem particulares de certos *chaverim* "formadores de opinião".⁸⁶

[ler Lênin, Borochoy, Stalin, por exemplo] fazia parte do "espírito da época". Nós vivíamos mergulhados nesse tipo de influência... nós não tínhamos universidades onde ir [procurar respostas às nossas inquietações]. Éramos influenciados pelos intelectuais brasileiros da época, pelo material que vinha de Israel e pelo que conseguíamos ler. Inspirávamo-nos em tudo. Houve cem elementos que me influenciaram (de Borochoy eu só havia lido um livro e um de Berl Katzenelson). Nós éramos influenciados pelo "espírito do tempo". O que deu certo foi que escolhemos na medida certa a influência de cada um desses elementos. [3]

Entre os próprios *chaverim* mais velhos havia alguns que se arriscavam a dar seus palpites escrevendo textos sobre o socialismo, as tendências mundiais, "as formas de conquista do poder", o "regime soviético", "movimento e revolução", "social democracia" etc. Um *alto grau de formação ideológica* dos *chaverim* era um ideal acalentado pelo Dror

que se posicionava *contra a estagnação*, a favor de uma revisão permanente de conceitos e valores e de uma capacitação que permitisse aos *chanichim* ir *além da repetição de velhas formulações*.

A ideologia do Dror no Brasil é tributária de todas as tradições já mencionadas, embora nem sempre por caminhos tão diretos e notadamente marcada pelas especificidades brasileiras e a “personalidade” de seus *chaverim*. Como foi dito, não havia uma doutrina acabada a seguir, havia inspirações teóricas, lembranças de velhos que contavam como era na Europa, *shlichim* que diziam como os movimentos se organizavam em Israel, livros que chegavam às mãos curiosas dos *chaverim* mais velhos e se tornavam “leituras do Movimento”, rapazes e moças que traziam suas preocupações para o coletivo e, num momento posterior, material educativo elaborado em Israel.

Entre o Dror do Brasil e o da Polônia, de décadas anteriores, que lhe serviu de inspiração, havia grandes diferenças (o ambiente, as condições e as pressões sociais eram outras) e as semelhanças localizavam-se mais no terreno da estrutura organizacional.

A grandeza do Movimento é que ele foi espontâneo. As idéias que configuraram o Movimento foram se desenvolvendo com o grupo, de acordo com as pessoas que cada vez mais nós conseguíamos trazer para o Movimento na base do proselitismo (...). E o Movimento tinha um grupo de gente fora do comum. (...) uma grande parte das idéias vinha daquilo que eu estudava e daquilo que os outros (o Paulo Singer, o Davi Perlov, o Sigue Friesel) contribuíam. (...) Nós criamos um movimento autêntico. Não concordei em imitar o que me falavam sobre o Dror da Polônia ou o Hashomer Hatzair, porque estavam errados. Copiamos algumas coisas genéricas como a kvutzá, a shichvá... o resto fomos aprendendo.(...) A cada momento, uma ruptura ou um passo era uma novidade. Não havia modelo e eu resolvi não aceitar o modelo europeu. (Eles viviam num gueto lá e nós não. Muita gente nossa estava apaixonada pelo Brasil, diferentemente dos judeus da Europa que viviam num antagonismo permanente com a sua sociedade. No Brasil, eu tentei ajudar a criar o gueto para ajudar a evitar a assimilação). (...) antes da “Lapa”, o Movimento já era grande e esquematizado em termos de kvutzot (era uma formação parecida com o que nós sabíamos que existia no movimento juvenil do mundo, mas foram adaptações autênticas), nós escrevíamos os programas (no Brasil e depois em Israel, para o Movimento mundial, quando eu era o chefe do Movimento mundial). Aquilo foi criado todo o tempo e, o que é mais importante é que foi criado lá, na realidade brasileira, para aquele tipo de gente e isso foi o que deu ao Movimento o seu impacto. [Dov Tsamir/Bernardo Cymring]

Do ponto de vista ideológico sionista-socialista nós não criamos nada de novo. ...chegar a Israel, viver em kibutz, essas idéias não eram originais, eram importadas (a única coisa que havia de original era a nossa participação no movimento socialista brasileiro). (...) A idéia de realização pessoal era algo muito central em nossa ideologia. (...) (estava claro que mudar do Brasil para Israel, de uma sociedade pequeno burguesa para o kibutz, para novas profissões estava ligado a transformações pessoais) mas também essas posições estavam relacionadas com as idéias já existentes no sionismo socialista que vinham especialmente do pensamento de Aaron David Gordon (que nós estudávamos de forma muito superficial) (...) O material que produzíamos era sem dúvida uma simplificação e não uma elaboração das ideologias existentes no sionismo socialista. (...) olhando o passado, percebo que [nossos longos seminários ideológicos] não eram originais e sim uma adaptação da pouca literatura a qual tínhamos acesso: um ou dois livros de Gordon e Borochoy, um ou dois artigos traduzidos de Sirkin e isso era tudo. (...) Hachsharot existiam no mundo todo, em todos os lugares em que existiam movimentos juvenis. (...) E não acredito que tivéssemos alguma concepção de família especialmente original. (...) [Eviatar Friesel/Sigue Friesel]

Nem tanto ao céu, nem tanto à terra. Se são nítidas as influências ideológicas presentes no Dror, também é notório o grau de espontaneidade e criação dos seus *chaverim* na sua seleção, interpretação e aplicação dos ideais pioneiros e da estrutura e metodologia

dos movimentos juvenis sionistas socialistas. Um bom exemplo disso são as sistematizações das posturas ideológicas (um tanto distintas das do seu contemporâneo argentino) e dos princípios educativos do Movimento brasileiro - frutos de um desenvolvimento gradual, do acúmulo de idéias, debates e experiências.

2.2.1. “O que somos?”⁸⁷

Para determinar quais são as bases ideológicas cristalizadas do Movimento temos que recorrer a documentos “oficiais”, que procuravam reunir as conclusões e as opiniões comuns com fins de orientação interna e esclarecimento da comunidade em geral (afirmando constantemente que a formulação de princípios e normas *não é definitiva*). Em linhas gerais, o Dror se definia como um movimento *juvenil sionista socialista chalutziano* cujas *metas finais* são: possibilitar a concentração da maioria do povo judeu disperso na Diáspora *sobre a terra de seu passado histórico*; criar uma sociedade socialista em Israel baseada na igualdade econômica e social e na liberdade política e espiritual; contribuir para a realização do ideal socialista em todo o mundo.

Sionista socialista: porque essa ideologia é a síntese que satisfaz às necessidades de libertação do povo judeu e da emancipação da classe obreira, busca a reconstrução nacional e social do povo judeu em seu país e a criação da comunidade socialista internacional.

Sionista: porque é o único caminho para o povo judeu - cedo ou tarde todo o povo o seguirá -, pois o problema da anormalidade do povo judeu - de acordo com a tese de Borochoy - exige como única solução definitiva a reconcentração territorial do povo em *Eretz Israel* na base de uma economia e sociedade sadias, isto é, da criação de um campesinato obreiro e de um proletariado industrial que desenvolvam sua luta pelas melhorias sociais, realizem a transformação social em bases comunais e desenvolvam naturalmente uma cultura nacional judaica sã e independente sobre seu próprio território, a *base estratégica*. E justamente em Israel, porque é o lugar em que transcorreu a antiga vida estatal independente do povo judeu e com o qual este povo mantém tradicionalmente uma ligação emocional.

Socialista: porque o socialismo conduz à igualdade e justiça social. Somente no regime em que os meios de produção estão em poder do proletariado produtor e no qual existe o dever de trabalhar para todos e o direito de todos à satisfação de suas necessidades vitais, desaparecerão o sistema de exploração do homem pelo homem, as guerras de conquista a serviço das classes dominantes, as classes sociais e o Estado - que será substituído pela fraternidade das comunidades socialistas -, e as desigualdades existentes entre nações, sexos e gerações. Sendo o socialismo um movimento de libertação integral em que não se pode suprimir a liberdade de expressão, o homem torna-se o fim supremo de qualquer ação social, o partido e o poder são considerados meros instrumentos de ação revolucionária. O mundo caminha para o socialismo levado pelas contradições internas do capitalismo e pela luta de classes do proletariado que acabará substituindo o atual regime por outro que elimina a propriedade privada, criando uma sociedade comunal de trabalhadores caracterizada pelo equilíbrio e a correspondência entre as *forças produtivas* e as *relações de produção*. Cada proletariado nacional realizará o socialismo nas *condições*

materiais que lhe oferece o seu *lugar de ação*, assim, a revolução socialista deve ser internacional ainda que não simultânea.

Assumidamente político: porque defende explicitamente uma visão de mundo.

Judaico: porque se preocupa, em primeiro lugar, com as necessidades do povo judeu.

Revolucionário: por propor outra forma de organização da sociedade e negar as bases da sociedade atual. E, também, por considerar que a intervenção revolucionária do homem é necessária para conduzir à transformação da *estrutura material* e conseqüentemente da *superestrutura* social e política a fim de libertar a humanidade de toda espécie de opressão.

Kibutziano: porque o kibutz é a conseqüência necessária da ideologia sionista socialista; é um lugar de realização das aspirações igualitárias e o melhor instrumento para o desenvolvimento do Estado e da economia nacional, criando patrimônio, desenvolvendo a agricultura e a indústria, forjando cultura nacional, e, ao colonizar pontos estratégicos, contribuindo para a segurança do país e servindo de base à revolução socialista. No kibutz, o homem e a mulher são considerados totalmente livres e iguais, não existe propriedade privada ou circulação de dinheiro, a educação e o usufruto da cultura são comuns e igualitários, o trabalho de cada um contribui para a riqueza comum da qual cada um recebe de acordo com suas necessidades. O kibutz é ao mesmo tempo *símbolo teórico* - como o modelo de povoação agro-industrial de caráter socialista e a célula da nova sociedade no corpo da antiga - e *núcleo prático* do sionismo socialista - constituindo a vanguarda e o centro de luta do proletariado judeu e reunindo a parte mais consciente, combativa e organizada da classe operária judaica. O Dror é a favor do *kibutz grande*, comuna aberta a todos que estiverem dispostos a viver nela, sem obstáculos de dogmas ideológicos, base da futura sociedade socialista e no exemplo mais patente das possibilidades de criação de economias socialistas no seio do sistema capitalista.⁸⁸ Em termos educacionais, o Movimento procura preparar seus *chaverim* para a futura condição de proletários no kibutz. Em termos ideológicos, procura identificá-los com os demais trabalhadores e socialistas do mundo.

Chalutziano: porque demanda ação, exige a transformação de indivíduos burgueses em proletários, através da aquisição de uma profissão produtiva, da preparação para a vida no kibutz e da demanda de disposição total para as tarefas de construção de uma sociedade socialista em Israel.

Anticomunista: porque é nacionalista e totalmente contra a submissão cega a um partido, o autoritarismo e a repressão; anti-stalinista.

Político partidário: ligado ao MAPAI, porque essa ligação facilita a luta política e a realização prática dos objetivos do Movimento, mas *autônomo*, porque é, de fato, um movimento juvenil.

De vanguarda: porque abre caminhos, embora esteja intimamente ligado e atento à realidade da coletividade judaica na qual se insere.

Educativo: porque tem uma finalidade formativa e trabalha com jovens em idade de desenvolvimento espiritual, intelectual e físico, procurando transmitir-lhes uma concepção de vida segundo uma escala determinada de valores, propondo-lhes uma diretriz e fornecendo-lhes meios para sua realização. A ação educativa drorista não aspira simplesmente impregnar um educando de conhecimento, mas sim desenvolver no jovem

valores sociais e nacionais, o que significa desenvolver o próprio homem que portará tais valores.

Materialista histórico: porque o materialismo histórico é um modo científico de encarar o mundo. Entretanto, o Dror não impõe aos *chanichim* o materialismo como sua filosofia de vida. O Movimento adota esse ponto de vista somente no que diz respeito à análise da sociedade e da história, abrindo mão de discutir questões religiosas ou metafísicas. Reconhece que não há unanimidade com relação a esse assunto entre seus *chaverim* e que é prejudicial e autoritário adotar posições dogmáticas com relação a assuntos desse tipo. Diferentemente do Dror argentino, que nega explicitamente a religião e se define como um movimento marxista mesmo no terreno religioso e filosófico, o Dror brasileiro deixa o problema da crença religiosa a critério de cada *chaver* colocando-se apenas contra o fanatismo, as religiões organizadas a serviço da classe dominante e do obscurantismo e o rabinato parasita e improdutivo. O Dror considera que, em determinado momento histórico, a religião judaica foi importante, tanto pela legislação social contida em suas normas quanto por sua ação como fator de identificação nacional durante a Diáspora. Entretanto, a legislação dos profetas já foi superada pelo programa socialista e a religião não é mais um fator fundamental de unidade nacional. Portanto, a proposta do Movimento é, por meio da análise científica, lutar contra a superstição no povo judeu e as correntes que pretendem converter a religião em instrumento de sua ação política reacionária; em termos educacionais, limita-se a dar ao *chanich* os meios científicos necessários para se libertar da ignorância e das superstições, permitindo-lhe total liberdade de crença. Ao mesmo tempo, o Movimento preserva certos valores tradicionais-históricos tais como os conceitos libertários de certas festividades judaicas e as idéias igualitárias e pacíficas dos profetas hebreus.

2.2.1. Juventude e classe social⁸⁹

É um equívoco reduzir a problemática da juventude drorista diante da sociedade mais ampla, pura e simplesmente, ao “conflito de gerações”. Em primeiro lugar, porque, para o próprio Movimento, não havia outra *divisão política da humanidade* que não a *de classes* com suas respectivas ideologias. Portanto, negava, explícita e oficialmente, a divisão do mundo em gerações e a idéia do conflito entre elas como um motor de transformação social. O Dror se autodefinia como um organismo juvenil que agrupa indivíduos *que requerem uma educação particular devido à sua idade e situação, sem que isso signifique uma divisão ideológica de idades*. E não valorizava a juventude em si mesma contra os mais velhos em geral. Além disso, podemos constatar que, ideologicamente, o Dror colocava-se contra o estilo de vida passivo e pequeno burguês dos judeus da Diáspora, que, imediatamente, era sim identificado com o da geração dos pais, mas não só, pois os *jovens acomodados, egoístas, indiferentes aos interesses nacionais e sociais, preocupados unicamente com conforto material, prazeres e posição social, produtos da sociedade burguesa* eram igualmente criticados. Aos jovens judeus que não participavam de movimentos, o Dror reservava, além das críticas que fazia à juventude em geral, palavras duras de desaprovação por estarem *cada vez mais distantes dos valores de*

seu povo. Sabemos também que senhores como Gordon, Katzenelson e o contemporâneo Ben Gurion eram muito admirados pelos *chaverim*.

Como movimento juvenil, entretanto, o Dror acreditava no *poder criador da juventude*, o potencial juvenil, procurando *levá-lo à prática*. O Movimento se considerava um espaço em que o jovem, sem muitas oportunidades de se expressar na sociedade, podia *demonstrar seu valor com independência*. Os *chaverim* lembravam-se dos jovens das primeiras *aliot*, dos que lutaram contra o fascismo e dos que ingressaram na Haganá, imaginando-se continuadores de sua obra. Enfatizavam sim o arrojo, a energia e a disponibilidade juvenis. E, entre a juventude judaica, se consideravam *a parte melhor e mais idealista*, destacada de uma geração *apática* e, por vezes, *pessimista*.

De outras organizações juvenis, o Dror procurava aproveitar apenas os procedimentos educativos que considerava convenientes. Inspirava-se, por exemplo, no treinamento dos escoteiros para o desenvolvimento do físico, da iniciativa e da coragem, na sua *educação prática* e nos seus jogos capazes de *educar brincando*, ao mesmo tempo em que abominava os valores pequeno burgueses do escotismo, suas teorias *falsas e antiquadas* sobre a educação separada entre os sexos e a ausência de *preparo para a vida* e de propostas para mudar a sociedade em sua ação educativa. Discordava também dos grupos que valorizavam a *juventude pela juventude*, afirmando que, nas condições de vida do povo judeu, diante das *tarefas impostas aos jovens da atual geração*, *não há lugar para uma rebelião total da juventude contra a geração anterior*, e sim para uma revolta *contra a palidez do Galut*. E explicava a existência do Movimento como uma conseqüência da insatisfação de certos jovens diante das condições e estilo de vida da geração mais velha e da falta de ideais dos jovens em geral.

A missão do Dror seria, então, *colocar a juventude judaica no único caminho que lhe pode proporcionar a realização de algo verdadeiramente produtivo: a obra redentora do chaltzianismo*. Para isso, entre outras coisas, o Movimento procurava fazer ver ao jovem que ele, em suas escolhas de vida, acabava se tornando freqüentemente *instrumento da vontade paterna*,

seu caminho está voltado para (conforme decidiram seus pais e o encaminha a própria dinâmica da sociedade burguesa) conseguir uma profissão que lhe permita com menor esforço conseguir maior soma de dinheiro, [posições mais elevadas e vida mais fácil] (...), no lugar onde lhe é mais fácil, no Galut. [Markin Tuder. *Princípios de nossa educação*. 1956]

As críticas mais duras e as “campanhas de oposição” ao modo de pensar e ao estilo de vida “dos pais” surgiam em decorrência das posições tomadas pelo Movimento em favor da *aliá* “dos filhos” nos moldes pioneiros, o que levava, freqüentemente, a conflitos familiares.

As circunstâncias galúticas determinaram, no correr dos séculos, a fixação de uma maneira de pensar característica de nossos pais. A escala de valores da burguesia judaica chega a ser mais rígida que a correspondente burguesia não judaica. Para nossos pais, é colocada num pedestal a procura de posições materiais cada vez mais cômodas e estáveis a seus filhos. Desejam eles colocar-se em posição social igual à do meio burguês em que vivem, o que só pode ser conseguido com estabilidade financeira. Daí a concentração de todos os anseios paternos na consecução de um título, profissão liberal ou alta situação no comércio. [Samuel Karabtchevsky - “A nossa chaltziação”. Dror. junho 1950 n.4]

Uma forte oposição com relação à geração “dos pais” era decorrente da imagem do judaísmo europeu que se forjou principalmente após a II Guerra e predominou por toda década de 50⁹⁰: *peessoas conduzidas como carneiros ao matadouro*. Essa imagem de medo e passividade era a antítese do *novo homem*, judeu corajoso, capaz de lutar por sua liberdade, o retrato que a jovem geração judia, envergonhada de seus antepassados e com o pensamento em Israel, procurava traçar para si.

(...) quando eu tinha 12, 13 ou 14 anos, eu ia a machanot [do Dror] e ouvia coisas que me impressionavam: “o judeu orgulhoso de si” e não “o judeu que ia como um cordeiro ao matadouro do Campo de Extermínio”. Eu queria ter orgulho do meu judaísmo, eu não queria ter vergonha ou medo, ser judeu não tinha que ser uma coisa negativa. E me diziam que (...), em Israel, eles tinham orgulho do que faziam e enchiam o peito ao dizer que eram judeus e não se submetiam aos inimigos. Eu queria ser uma pessoa assim (e já que eu era judeu, para ser uma pessoa assim eu tinha que viver em Israel).

(...) eu olhava os judeus adultos com um misto de desprezo e de dó. Uma cena da qual eu nunca vou me esquecer: eu fui vender vinho no Bom Retiro junto com uma moça do Dror. Batemos numa casa, oferecemos o vinho e o fulano disse:

“- Não vou querer.”

“- O vinho é muito bom, é kasher, bom para Pessach...” - nós dissemos.

“- Eu não quero mesmo.”

“- Mas é para ajudar o Dror... Israel...”

“- Eu não estou preocupado com isso, minha visão é outra.” - e então, eu não lembro se alguém disse alguma coisa que o fez dizer: “- Vocês têm que me respeitar, porque eu passei por campo de concentração.”

E eu olhei para ele, espantadíssimo! Não sei se cheguei a falar alguma coisa (se eu cometi essa grosseria...) ou se eu só pensei que, de certa forma, ele mereceu seu destino: “Como um cara, que consegue sobreviver à II Guerra Mundial, não ajuda o Movimento Dror, que é o que vai salvar todos os judeus do mundo? Um cara que sofreu por viver na Diáspora, por não viver no seu próprio país e não se realizar como judeu tem que ajudar os que estão fazendo isso, porque nós vamos ser os vanguardeiros e vamos talvez carregar um cara como ele para a salvação.” A gente tinha tanta certeza das nossas verdades. E eu tinha na época 15 anos e do alto da minha verdade eu falei, ou pensei: “- Você vai sofrer outro campo de concentração se você não for para Israel.” [27]

(Outros conflitos entre os jovens do Dror e os “adultos” que os cercavam surgiam, mas não tanto em decorrência de uma determinada postura ideológica do Movimento com relação ao mundo adulto, quanto por questões de relação de poder entre “pais” e “filhos” que levava a discussões por motivos de projetos de vida, regras domésticas, desempenho escolar, comportamento sexual etc.)

2.2.3. Revolucionários x burgueses⁹¹

Como foi dito, a grande briga drorista era contra a ideologia burguesa. O Movimento procurava fazer com que os *chaverim* se libertassem dos valores burgueses em favor do *chalutzianismo*.⁹² Desprezava o individualismo, a concorrência e a super valorização do sucesso econômico. Acusava o ideal do *self made man* de falso e reacionário, a negação absoluta de todas as conquistas da humanidade. E o capitalista de ser, na maioria das vezes, hipócrita e sem escrúpulos (capaz de pregar moralismos ao mesmo tempo em que provoca guerras e especula com a fome do povo), interessado apenas no lucro obtido com a exploração de seus operários. O burguês, na visão drorista, despreza

e teme seu semelhante, que lhe disputa a posição, e vê, na coletividade, apenas um instrumento de satisfação das ambições pessoais, fonte de seu lucro e objeto de sua exploração. Sua escala de valores baseia-se na quantidade de dinheiro que cada um possui, enquanto, para os revolucionários, o valor de cada um é medido por sua dedicação ao benefício geral, o aperfeiçoamento da sociedade e da espécie humana.

Além da dedicação ao coletivo, o trabalho braçal, o desapego material, a aparência simples, o contato com a terra e a natureza eram muito valorizados na ideologia drorista. Estabilidade financeira e *status* na sociedade de classes estavam longe das motivações que levavam os *chaverim* mais comprometidos com o Movimento a buscar uma preparação profissional coerente com o que acreditavam ser as necessidades prioritárias do kibutz: trabalhos agrícolas, mecânicos e técnicos. Na sociedade coletiva, a importância do trabalho realizado seria medida em termos de competência e dedicação à tarefa realizada, *o indivíduo vale pelo que é não pelo que aparenta ser, como acontece na sociedade burguesa.*

Segundo o ex-*chaver* e, hoje, historiador israelense Eviatar Friesel, a idéia da *proletarização*, no Dror, guardava algumas especificidades:

É a única idéia da nossa ideologia que realizamos na hora e no lugar. (A palavra existia, Borocho já a havia usado em outro contexto...) Para nós, *proletarização* significava uma revolta contra o modo de vida burguês médio e pequeno e havia um momento original, de criação própria, nisso: o reconhecimento do fato de que, se nós não abandonássemos a sociedade burguesa na qual nós vivíamos e que nos conduzia para as universidades, nós não chegaríamos a Israel. (Essa idéia também existia no Hashomer Atzair. A diferença entre nós e o Hashomer, nesse ponto, é que eles perceberam isso como um ditado da Central do movimento em Eretz e nós chegamos a isso por nós mesmos.)

A *profissionalização* tornou-se, nos anos 50, praticamente uma regra no ideal drorista. A *proletarização* - tida como identificação com a classe trabalhadora (início da consciência de classe) - acreditava-se, seria uma conseqüência. A proposta do Dror era o indivíduo, a partir de suas inclinações e capacidades, escolher uma ocupação que estivesse também de acordo com as demandas concretas e ideológicas da sociedade kibutziana. Dentro dessa proposta, parecia claro que interesses artísticos e científicos também seriam devidamente contemplados no mundo do kibutz (único lugar em que tais inclinações podem se manifestar naturalmente, livres das pressões sociais). O desafio seria enfatizar o estudo e o aprimoramento intelectual e cultural desde que não colocassem obstáculos à realização dos objetivos do Movimento como era o caso, acreditava-se, dos estudos superiores feitos no *Galut*, estes sim duramente questionados. O *problema da vocação* era equacionado, em vários textos do Dror, da seguinte maneira: para os jovens em geral, o critério para a escolha profissional é encontrar, dentre as profissões mais rendosas, qual a mais adequada às aptidões pessoais; para os *chaverim*, entretanto, o critério deve ser escolher, dentre os ofícios úteis ao bem coletivo, o que mais respeita as inclinações particulares. No caso de existirem necessidades individuais não produtivas como, por exemplo, estudar astronomia, o *chaver* deve optar por um ofício produtivo e aproveitar as chances dadas pelo coletivo para satisfazer seus interesses de ordem cultural.

2.2.4. Auto-realização

Outro conceito importante no Dror era o da *hagshamá atzmit* (auto-realização). A realização pessoal de cada *chaver* era considerada importante para a realização do próprio Movimento cujo objetivo final era fazer com que seus membros chegassem à *aliá*. Mas não era apenas a *aliá* do *chaver* que caracterizava a sua realização, pois a *hagshamá atzmit* era também entendida como uma verdadeira revolução pessoal pela qual o sujeito teria de passar até chegar a Israel e incorporar-se à sociedade socialista do kibutz: *não pode ser socialista quem não realiza o socialismo em sua própria vida*. *Hagshamá* significava romper com a vida pequeno burguesa e o *Galut*, distanciar-se da família e do Brasil, abandonar o desejo de seguir uma carreira liberal, abrir mão de facilidades financeiras e emigrar para Israel. Significava também ter convicção da necessidade premente de trocar a *vida fútil da Diáspora* pela vida kibutziana; acreditar que a comodidade material de nada vale em comparação ao conforto espiritual dado pela vida dedicada ao ideal pioneiro.

[a idéia de] *hagshamá atzmit* (um conceito bastante refinado) era um convite às pessoas a crescerem e saberem se questionar ("questionamento" era uma palavra que eu já usava aos 15 anos!). Significava uma atitude intelectual, na qual estava implícita uma questão existencial (...), que abrangia a escolha de sua identidade nacional, de sua atividade física (trabalho) e de sua condição pessoal ([como lidar com as inquietações pessoais], o seu lado íntimo). [15]

Alei V'Aghshem eram as palavras de saudação utilizadas pelos *chaverim*. Querem dizer "Suba (no sentido de fazer *aliá*) e realize-se". Dentro do conceito de auto-realização, estava implícito que o burguês não se realiza, porque busca bens materiais, dinheiro e poder, enquanto o *chalutz* sim, pois busca outro tipo de riqueza, a satisfação de estar fazendo sua parte para o bem do coletivo ao mesmo tempo em que dá vazão às suas necessidades mais íntimas (sejam elas intelectuais, científicas, estéticas ou afetivas).

Em termos teóricos, a *realização pessoal* não entra em contradição com o interesse coletivo, porque a idéia é: mantenha sua identidade e construa o coletivo (como tijolos, independentes, cada um com suas características próprias, que fazem parte de uma construção maior). Seguindo esse raciocínio,

O sistema kibutziano é o que de melhor maneira pode proporcionar a resolução dos problemas individuais e coletivos. Coletivos, pelo seu importante papel na luta de classes, pelo seu construtivismo revolucionário e pelo seu poder de fixação do indivíduo à terra e à nação. Individuais, porque proporciona a cada um a possibilidade de desenvolvimento completo, material ou espiritualmente. [Samuel Karabtchevsky - "A nossa chalutzianização". *Dror*. n.4, jun. 1950]

A *hagshamá atzmit* seria a coroação dos esforços educacionais do Movimento.

2.2.5. Igualdade sexual e novas relações familiares

A igualdade entre os sexos, a emancipação feminina, a busca de novas relações familiares (entre homem e mulher, entre pais e filhos) e de relacionamentos afetivos livres de preconceitos burgueses também faziam parte dos princípios do Dror. Entretanto, não eram temas desenvolvidos de forma independente, estavam sim subordinados ao ideal socialista e kibutziano acalentado no Movimento. A igualdade sexual, por exemplo, não era

um assunto em si, em torno do qual se escrevessem páginas e páginas em tom “feminista” ou que ocupasse longos parágrafos oficiais de plataformas e programas gerais. Estava implícito que as desigualdades entre os sexos teriam fim, assim como todas as outras formas de injustiça, na sociedade socialista. O ideal do kibutz incluía uma comunidade democrática e igualitária de homens e mulheres livres, com condições concretas criadas para uma vida mais feliz.

a igualdade da mulher com o homem, que o kibutz concede não significa carregar tanta pedra como ele (ou ter tantos músculos) (...) e sim ter as mesmas possibilidades de pensar e agir. [Helena Corinaldi. “A bachurá e o Movimento”. *Dror*, órgão da juventude judaica. n.5. nov. 1950].

A respeito do papel da mulher nessa nova sociedade, os *chaverim* adotaram a postura pioneira que vigorava em *Eretz* e os ideais da tradição kibutziana (embora soubessem que alguns princípios totalmente igualitários já haviam sido abandonados: as mulheres já não faziam trabalhos tão pesados como fizeram questão de realizar nos primeiros tempos mais radicais da “fase revolucionária”, embora esses não lhes fossem negados). É bom lembrar ainda que, em Israel, as mulheres também participavam do exército. *É impossível formar uma nação na qual a mulher não seja ativa junto com os homens nos direitos e deveres. Também ela deverá defender a si e a seus filhos.* - havia declarado Ben Gurion⁹³.

Por outro lado, assim como Davi Perlov e Vittorio Corinaldi são lembrados como os responsáveis por incitar preocupações artísticas no Movimento, nomes como Mira Wainfeld, Helena Corinaldi, Sigue Friesel e Paulo Singer são apontados por contemporâneos como os fomentadores das preocupações com questões como emancipação feminina, igualdade sexual, família, moral burguesa, prostituição, provocando debates e colocando-os como temas de programas educacionais. *Shlichim* de Israel também trataram de difundir esses assuntos. Com o tempo, os temas acabaram se incorporando à cultura do Movimento e sendo desenvolvidos por outras “gerações” de *chaverim* igualmente interessados.

A presença da arte ou de questões de família e “gênero”, por exemplo, entre as preocupações do Movimento eram vistas como uma decorrência natural da proposta de reeducação global e revolucionária dos indivíduos. A idéia do Movimento juvenil era *alargar os horizontes* de sua prática educacional para que os *chanichim* tomassem *posição no mundo*, saíssem *dos campos estreitos de sua realidade* e se libertassem *de recalques sociais criados por uma sociedade artificial e cheia de preconceitos*. Fazia parte do espírito de abarcar, no processo de construção do *novo homem*, a totalidade das manifestações humanas. A idéia do *novo homem*, nas palavras de Mira Wainfeld envolvia *absolutamente tudo*

... chegava-se até a questões de sexo etc., (...) Naquela época isso tudo estava incluído... O kibutz respondia ao *novo homem* no sentido marxista (acabar com heranças, igualdade de oportunidades, possibilidade de cada um começar do ponto zero etc.). Eu me lembro de uma discussão sobre prostituição entre o Paulo [Singer] e o Davi [Perlov] (que já naquela época ridicularizava a questão) sobre se o fim da exploração capitalista acabaria com a prostituição (...). Eu me preocupava sim (...) [com questões como a liberação da mulher], mas não sei dizer até que ponto eu era capaz de formular isso teoricamente. Sim eu levantava essas questões, mas no *frame* da totalidade de que falávamos, nem me passou pela cabeça que poderia ser diferente [uma questão isolada ou de destaque especial]. (...) era automático pensar que numa *nova sociedade* tem que ser assim [com oportunidades iguais para os sexos, novas relações familiares etc.] (...).

O Dror chegou a recomendar “oficialmente”, em termos educacionais, o estímulo ao *sentimento de igualdade e respeito nas relações entre chaver e chaverá*⁹⁴. Era também contra a separação de meninos e meninas por dificultar o convívio futuro entre os sexos. E fazia questão do que chamou de co-educação sexual:

O Movimento crê de fundamental importância para a realização de suas finalidades a atividade diária conjunta de bachurim e bachurot [rapazes e moças], em igual nível de trabalho. Procurando com isso, dar a ambos os sexos as mesmas possibilidades em todos os campos da atividade humana, libertando a bachurá da situação de inferioridade em que a atual sociedade a coloca. Por isso cria exclusivamente kvutzot de ambos os sexos. [Plataforma do Movimento. 1951]

Até a orientação sexual e a busca da resolução de problemas decorrentes do sexo, segundo a concepção educativa drorista, poderiam ser melhor resolvidos em *kvutzot* mistas.

Os programas educativos do Movimento incluíam *sichot* de temas como família, condição da mulher, casamento, amor livre, prostituição e educação sexual⁹⁵. Infelizmente, não chegaram às nossas mãos textos ou roteiros efetivamente usados pelos *madrichim* nas *kvutzot* com o conteúdo desses assuntos. Temos que nos contentar com alguns poucos artigos assinados e com depoimentos dos *ex-chaverim* que se lembram de discussões, opiniões, alguma bibliografia mencionada.

Em geral, eram os próprios jovens do Dror que se encarregavam de estudar os assuntos, manifestar suas opiniões pessoais e definir o conteúdo a ser transmitido para os menores. Em meados da década de 50, como se recorda um *ex-chaver*, o Dror chegou a promover para seus *chanichim* um seminário de alguns dias em Petrópolis sobre comportamento sexual com o especialista Febus Gikovate.

Na verdade, a não ser com relação à igualdade de oportunidades para ambos os sexos, não havia uma posição “oficial” do Movimento sobre os assuntos mencionados acima. O que existia era um espaço aberto para a discussão e algumas tendências ideológicas marcadas pela inspiração revolucionária. Assim, “pairava” no Dror uma postura crítica diante da moral burguesa (“dupla moral sexual”, exigência do casamento formal, valorização da virgindade feminina, hierarquia de poder no interior da família, direito de herança etc.), da divisão tradicional de papéis sexuais e da prostituição (apresentada como exploração de mulheres, um *mal degradante*, um *dos maiores crimes* da atual sociedade).

Com relação às *bachurot*, havia uma expectativa de comportamento diferente do esperado das moças moldadas para se tornarem *a típica mulher da sociedade burguesa: acomodada, preguiçosa, fútil, orientada para um só fim: o casamento*. As *chaverot* deveriam dedicar sua energia não meramente a vestidos, bailes e mexericos, e sim a esportes, livros, trabalho e ocupações sérias. No Movimento, deveriam participar de todas as atividades com envolvimento e entusiasmo.⁹⁶

As condições sociais em que vivemos, a nossa educação e a família nos transmitem certos critérios que correspondem à sua condição burguesa. Critérios estes formados à base de sentimentos, tradições e interesses imediatos compostos de sentimentalismo freqüentemente exagerado e doentio, entre nós judeus, e de permeio com o “materialismo” mais estreito de visão curta e baixa. Concepção de vida enfim que reflete o gueto, não o material, que já não se vive na América, mas o espiritual, do qual ainda não saímos. [Paulo Singer - observações sobre as *sichot*: *Marxismo e Materialismo histórico*. s.d.]

Da educação no Movimento, esperava-se que suplantasse a recebida no ambiente familiar, avaliada como insuficiente ou prejudicial ao jovem e aos ideais pioneiros.

No sistema social vigente, a família se tornou o único lugar onde o homem não encontra os choques das concorrências e ambições que caracterizam uma sociedade baseada na livre iniciativa econômica. [O homem,] social por necessidade, é obrigado em consequência, a fechar-se no círculo de suas relações familiares crescendo a criança num entardecer confuso e suspeito de amores e egoísmos fraternais, paternos e maternos e recalques [como bem mostrou Freud] (...). [Na família,] toda formação do jovem é feita para moldá-lo aos desejos e ambições dos mais velhos, sem respeito às suas tendências pessoais. (...) A educação familiar é exercida pelos elementos femininos da família (por causa da divisão de trabalho da sociedade burguesa). Ora, dada à lastimável posição de inferioridade ocupada pela mulher na sociedade burguesa, ela é o último elemento social que deveria estar encarregado da educação dos filhos. (...) [É necessária] uma radical transformação na educação: modificação em todas as escalas de valores e concepções sobre o homem, a mulher, a vida, a arte, o trabalho, a humanidade (...) [Segue Friesel - "Educação e sociedade". *Dror*. n.5, nov. 1950]

(...) a necessidade cada vez mais premente de conhecimentos leva o jovem a ultrapassar o nível cultural de seus pais (...) a vida familiar não satisfaz mais as necessidades psicológicas do adolescente nos nossos dias. O poder formativo da escola sofreu uma queda [cada vez mais preocupada com matérias científicas e técnicas; a escola leiga não transmite uma concepção de mundo aceitando automaticamente as que já existem]. Por outro lado, a influência da sociedade aumentou extraordinariamente seja através das novas relações de produção, das grandes urbes (...) ou através dos variados meios de difusão: imprensa, rádio, propaganda, a rua (...) o que se constata é que não há mais uma influência dirigida num único sentido (...) o jovem moderno corre de um extremo a outro sem orientação. Por vezes, a angústia o domina, pois não se encontra dentro do emaranhado de complicações. A neurose que predomina em certa parte nossa juventude é fruto de todo esse processo e o Movimento juvenil é uma exigência [para orientar o jovem numa certa direção e dar-lhe uma formação]. Pois as duas tendências educativas em vigor [a que coloca a sociedade no centro - e a torna conseqüentemente disciplinada e realizadora, mas cria indivíduos sem pensamento próprio ou revoltados não integrados - e a que coloca o indivíduo como fim - fruto do liberalismo, baseada na concorrência, conduz ao individualismo extremado] não satisfazem e não há síntese possível entre elas. [Beniamin. "Síntese em educação". *Páginas para o madrich*. maio 1959.]

Novamente o modelo era o ideal do kibutz, onde

o ambiente familiar ficará arejado das circunstâncias que o tornam vicioso (...) o crescimento do jovem se fará livre de recalques psíquicos e falhas e a educação hodierna (...) a orientação virá de elementos especializados (e não de professores com capacidade duvidosa que se dedicam ao magistério por incapacidade de exercer profissões mais lucrativas) e guiará o jovem até o ponto em que suas próprias pernas o levem para adiante (...) o jovem estará confiante no mundo que o cerca, porque saberá que haverá um lugar também para ele (com todas as suas tendências e gostos pessoais) viver de maneira digna e proveitosa na sociedade organizada e planificada à base do trabalho de todos, em que a diversidade de ocupação não implica numa diversidade social vertical. [Segue Friesel - "Educação e Sociedade". *Dror*. n.5 nov. 1950]

2.2.6. Por uma nova educação⁹⁷

A escola também era alvo da crítica drorista que a tinha como uma instituição conservadora favorável à perpetuação da ordem social, um forte instrumento de dominação da classe no poder.

O Dror propunha uma *ação educativa* claramente politizada que predominasse sobre todas as outras influências recebidas pelo jovem no *Galut* formando seus *chaverim* nos valores da sociedade revolucionária e preparando-os física e mentalmente para lutarem por ela de maneira consciente e conseqüente. Portanto, o Movimento colocando-se como *educativo com finalidade política*, pretendia dar ao *chaver* uma *concepção de vida* para além do terreno político-ideológico, abarcando os demais setores da atividade humana, propiciando-lhe uma nova escala de valores e modelos de ação. Opunha-se radicalmente à educação burguesa em termos de forma, conteúdo, técnicas e valores, embora fosse a favor da preservação de conceitos, obras e produções artísticas que, por seu significado e importância para a humanidade, estivessem acima da época que os concebeu.

Procurava fazer com que os *chaverim* se sentissem parte integrante de um amplo grupo social *identificado, no plano internacional, com a classe operária mundial, e no plano nacional, com o povo judeu*. O principal objetivo educacional do Dror era formar revolucionários integrais, os *chalutzim, indivíduos capacitados a assumir seu lugar na vanguarda proletária e conduzir para a vitória o proletariado judeu ao lado de seus irmãos de todas as nacionalidades*. Em outras palavras, preparar os *chaverim* para a vida proletária, a militância no kibutz e a luta por *um Estado judeu socialista num Mundo socialista*.

Para que o projeto *total de vida* apresentado a cada *chaver* se concretizasse, o Movimento considerava importante também atuar sobre o caráter dos educandos tentando formar pessoas íntegras, conseqüentes com seus ideais, dedicadas *a seu povo e classe*, honestas, companheiras, persistentes, responsáveis e, segundo a personalidade de cada um, inteligentes, entusiasmadas e corajosas.

Ao abraçar o ideal pioneiro, esperava-se que o *chanich* se identificasse com seu coletivo e aliasse seus interesses pessoais aos do grupo social, superando assim o *pseudo-dilema burguês: o indivíduo x o coletivo* (percebendo-o não como uma luta de homem x homem, mas como uma realidade da luta de classes), sem entraves de *ordem personalística*. Pois *a responsabilidade individual é a base da realização do coletivo e indivíduo e coletivo devem ser duas entidades que se auxiliem e se apoiem*. O *chanich* no Dror estaria também buscando a sua *hagshamá atzmit* através de todos os esforços para integrar-se ao Movimento e participar de seu desenvolvimento (participação esta altamente estimulada em todos os tipos de atividade) até chegar o seu momento de *hachshará* e à *aliá*.

Entretanto, a ação educativa drorista deixava a cargo do *chaver* a responsabilidade principal por sua decisão de migrar e por sua luta interna para romper com os laços que o prendiam à família, ao ambiente da Diáspora, à vida pequeno burguesa e a aspirações por vezes incompatíveis com as do Movimento. O Dror não se propunha a resolver pelos *chaverim* e sim a apenas auxiliá-los, dando-lhes os elementos para que tivesse certeza de que se encontravam *no caminho da verdade, à vanguarda do povo, acima da mediocridade e do "bom senso" dos acomodados e indiferentes*, com meios de *libertar-se e libertar aos outros*.

Diante disso, a atividade educativa do Movimento buscava não somente desenvolver no indivíduo suas qualidades potenciais, como também transformá-lo fundamentalmente. Em primeiro lugar, propiciando condições para que ele possa iniciar o processo (que se completa no kibutz) que o leva a *mudar de classe social*, a proletarizar-se. Em segundo, pela distância geográfica entre Brasil e Israel, levando-o a encarar uma mudança radical de

vida (inclusive a resolver com maturidade problemas que costumavam surgir geralmente em idade muito mais avançada, como o afastamento familiar, migração, escolha profissional e de estilo de vida). Em terceiro, exigindo para a vida no kibutz uma modificação completa nos hábitos e sentimentos do *chanich* ou seja, *uma nova vida interior completamente oposta* a que ele se acostumou na sociedade em que vivia. Em função desses elementos, o Movimento esperava que ocorresse o fortalecimento dos laços entre o indivíduo e seu coletivo.

Somente quando o indivíduo pode contar com o apoio do coletivo em todas as circunstâncias poderá reunir as forças internas necessárias para sua revolução integral. Somente quando o coletivo pode contar com uma dedicação de seus membros em todas as circunstâncias estará apto a inspirar confiança e prestar ajuda ao *chaver* quando for necessário. [Plataforma do Movimento 1951]

Estava presente em muitos dos textos droristas a consciência da magnitude que todas as transformações exigidas pelo ideal pioneiro ao jovem do Movimento brasileiro representavam: mudança geográfica, climática, de língua, abandono da *vida relativamente fácil de filho-de-família burguês trocando-a pela vida de trabalho no kibutz*. Além disso, a ideologia drorista cobrava que essas transformações todas fossem enfrentadas não de forma passiva e sim como *um homem ativo criador de nova sociedade e cultura*.

Da sua parte, o Movimento se propunha a desenvolver um sistema educativo que desse aos jovens os meios, orientações e apoio, para enfrentarem suas dúvidas e seguirem no caminho do *sionismo realizador*.

Entre os *princípios educativos* droristas estava o de formar jovens coerentes com os pontos de vista e objetivos propostos pelo Movimento, capazes e conscientes. A idéia não acompanhada da ação era tida como diletantismo próprio para exposições de salão. Por outro lado, o Movimento era explicitamente contra criar um autômato para a *aliá*, um mero “realizador” de idéias, *slogans* e lemas sem sentido para o indivíduo. Assim justificava sua oposição ferrenha a procedimentos educacionais que dessem lugar a fanatismos *prejudiciais em rapazinhos púberes que presunçosamente se acreditam donos da verdade absoluta* ou que criassem jovens obedientes sem iniciativa própria. (Aqui havia uma nítida referência ao que se presumia serem os métodos do Hashomer Hatzair, da juventude comunista e dos movimentos nazista e fascista).

A experiência com juventude ensina que todo jovem possui certa tendência para o dogma, a afirmação rápida. Quanto mais num grupo juvenil dedicado à ação concreta, exigindo imensas transformações em tempo curto. Houve movimentos que, inclusive, aproveitaram esta tendência juvenil como forma mais fácil e segura de atingir seus alvos. Nós, deliberadamente, escolhemos o caminho mais difícil simplesmente por uma razão concreta: se acreditamos no kibutz como célula de uma sociedade nova, como a forma de vida social mais avançada dos nossos dias, é nossa convicção de que apenas um homem de mente aberta e vida íntima livre é capaz de examinar e duvidar,...) [de ter certezas que] se afirmem sobre a convicção pessoal e não sobre o dogma embutido - apenas o homem assim é capaz de ser o portador e transmissor da grande verdade que sua forma de viver representa. [Plataforma do Movimento 1951]

(Mesmo quando redige seus princípios ideológicos e educativos em “manuais” como o de 1956⁹⁸, o Dror os apresenta como uma *orientação, uma base para estudos e discussões*, nunca como uma versão definitiva e acabada.)

Com um programa educativo que pretendia atingir todas as esferas da vida, o Dror cobrava de seus *chaverim* que aplicassem, no cotidiano (e ainda no Brasil), fora de suas atividades diretamente relacionadas ao Movimento, os ideais sionistas socialistas. Ou seja, que esses ideais pautassem condutas nas relações familiares, nos relacionamentos com as pessoas do sexo oposto e as do mesmo sexo, com os mais jovens e com os empregados de casa, nas atividades sociais e econômicas e nas posições culturais, artísticas e políticas. Cada ato do *chaver* deveria estar, portanto, de acordo com as concepções de vida do Movimento que procurava educá-lo para ter atitudes dignas, princípios morais e éticos e posições revolucionárias em todos os tipos de manifestações humanas.

Para atingir seus objetivos, o Dror procurava desenvolver uma *Educação*:

Nacional: referente a judaísmo, sionismo e Israel. Incluía história, língua hebraica, geografia, política, valores e tradições judaicas, cultura israelense. Elementos estes tidos como meios de luta contra a assimilação e a favor do aprofundamento da *consciência nacional* do *chanich*, fundamentais para criar uma identificação emocional com o povo judeu em termos de passado e de futuro.

Social: cujo objetivo era modificar o modo de pensar e agir do educando para, em última instância, *fazê-lo mudar de classe social*⁹⁹:

Abandonar a forma de pensar e viver do jovem burguês e se integrar às aspirações, pensamentos e formas de vida da classe operária (...). Este processo é longo e difícil, pois significa uma verdadeira revolução em toda sua vida, somente será integral no kibutz, em Eretz Israel. Mas como todo processo educativo, tem de começar cedo. E quanto melhor preparado estiver o *chaver* antes de sua aliá, mais fácil e rápida será sua integração à classe obreira em Israel. [Markin Tuder. *Princípios da nossa educação*. Kibutz Bror Chail. Hanhagá Elioná - Ichud Hanoar Hachalutzi, 1956.]

Para isso, o Movimento procurava:

- incentivar o trabalho manual e produtivo;
- orientar os *chaverim* no sentido de sua identificação com a classe trabalhadora (operários e camponeses) e do seu comprometimento com a *profissionalização* (voltada principalmente para a adequação à realidade do trabalho agrícola), que, além de preparar os *chaverim* para a vida de trabalho no kibutz, permite-lhes uma melhor integração no espírito do proletariado e lhes possibilita uma formação no sentido de sistematização no trabalho e aperfeiçoamento da vontade, ou seja, disciplina adequada ao novo modo de vida;
- desenvolver o pensamento crítico com relação ao meio social e aos valores da sociedade burguesa e o sentimento de revolta contra as injustiças sociais;
- conscientizar os jovens em favor das idéias socialistas e do projeto *chalutziano*;
- iniciar o processo de *proletarização* (que termina no kibutz, pois são através das condições de vida materiais que em geral os indivíduos formam seu processo mental).

Do caráter (ou educação para a adoção de um comportamento moral): desenvolvida não através de leis, fórmulas e juramentos (como entre os escoteiros), pois o Dror renega a forma militar de obediência à hierarquia, mas do incentivo à coerência e integridade dos indivíduos em seu cotidiano. A educação do caráter seria desenvolvida por meio:

- da valorização da força de vontade, autodisciplina (disciplina baseada na consciência e responsabilidade), concentração, envolvimento, iniciativa, responsabilidade e organização. -
- do incentivo à *simplicidade* na aparência *sob o critério da utilidade*;
- do desenvolvimento da capacidade de autocrítica espontânea e particular¹⁰⁰ - a *liberdade* era um valor que a atividade educativa se propunha a preservar. Do ingresso e participação no Movimento, até a aceitação de tarefas, das propostas e dos conceitos à decisão de *aliá*, a expectativa ideologicamente explícita do Dror era que tudo fosse voluntário, sem qualquer forma de coerção. A *discussão livre* e o *esclarecimento mútuo* é que deveriam levar à resolução de problemas e à definição da posição do *chaver* em relação ao Movimento.

O nosso caminho educativo não é compatível com nenhuma forma de divisão hierárquica. A divisão que fazemos em *shichavot* é uma mera divisão para facilitar nossa atividade educativa. O respeito devido [por um *chaver* mais jovem a outro de mais idade] não é outro que o devido normalmente a um companheiro mais velho (...) [suas relações devem ser] de igual para igual. O Movimento deve ser um lugar em que o *chanich* se sinta uma pessoa igual às demais, contrariamente à escola e à família, onde ele está submetido à autoridade do professor ou dos pais, como uma pessoa de [menor valor] (...) [O nosso movimento juvenil] é a compensação da escola e da família, onde o *chaver*, um ambiente de liberdade completa, possa por vida a sua personalidade. [Markin Tuder. *Princípios educativos do nosso Movimento*. 1956]

Intelectual: desenvolvimento da capacidade dos *chanichim* para responder a problemas novos criados pelas circunstâncias. Em outras palavras, o Movimento queria que seus *chanichim* tivessem uma formação ideológica sólida somada a uma formação cultural geral - o mais universal possível - incluindo artes, literatura, ciências físicas e sociais. Mais que "transmitir" conhecimentos, o Dror se propunha a despertar interesses e colocar ao alcance dos *chanichim* os meios para satisfazer a vontade de conhecer através do incentivo e orientação para o hábito de leitura, o estudo voluntário, a pesquisa e a análise crítica de conceitos. O objetivo era formar um *homem culto*, que encare o estudo como forma de aprimoramento pessoal e de melhor participar da vida social, a partir da compreensão adquirida dos fenômenos sociais e da tomada de posição sobre eles. O Movimento juvenil, diferentemente da escola, não tinha meios de obrigar alguém a estudar (sendo de fato contra eles), não fazia provas, nem conferia notas preferindo *estimular vontades* e, através da interferência do *madrich*, ajudar os *chanichim* a buscar material de estudo e organizar seu aprendizado pessoal.

Física: desenvolvimento da capacidade física e sensorial, da disposição para atividades, da coragem, da autoconfiança. Engloba a vida ao ar livre, os esportes coletivos em geral, os passeios e os treinos de defesa pessoal e coletiva. As atividades escáuticas e os jogos ao ar livre, além de motivar e divertir, eram considerados muito importantes na formação dos *chanichim* das primeiras faixas etárias, pois exigiam sua participação ativa, desenvolviam a disciplina, a organização, a honestidade, o senso de orientação e a capacidade de observar, entender a natureza e conviver com ela. O contato com a natureza, inclusive, de acordo com o ideal de Gordon, promovia o aprimoramento pessoal.

Sexual: Podemos constatar que os parâmetros que nortearam a educação sexual no Movimento variaram de acordo com as posições dos educadores, poucas foram as determinações consensuais e menos ainda as definitivas. Destas, o que pode ser dito é que as questões sexuais não só tinham espaço no Movimento, como também isto estava entre

seus princípios de *educação global* para o *novo homem*¹⁰¹. O Movimento se propunha a dar aos *chanichim* conhecimentos sobre o sexo, em seus aspectos fisiológicos, sociais e psicológicos. Também procurava esclarecer sobre o que chamava de vícios sexuais, especialmente a masturbação (quando praticada em excesso¹⁰²) e a prostituição (seus aspectos morais, sociais e higiênicos). Em certos momentos (documentos oficiais, propostas e programas educacionais), o Dror chegou a condenar “oficialmente” esses dois *vícios*, em outros, limitou-se a fazer recomendações contra esses *males* ou simplesmente se absteve de tratar do assunto. É bom lembrar que não havia modo de o Dror coibir práticas como estas, mesmo que quisesse, e esta não era de fato a proposta de um Movimento que dizia buscar a conscientização de seus *chaverim* mediante esclarecimentos. Nesse espírito, a não freqüência a bailes aparecia como uma orientação do Movimento - justificada, em certos momentos, por serem estes um ambiente de degradação moral e as danças de salão, um derivativo artificial das funções sexuais (em outros momentos e contextos, como será visto adiante, as críticas a bailes no Movimento eram outras). No Dror, os conceitos (ou *preconceitos*) da sociedade burguesa a respeito de sexo eram examinados sob outra ótica, vários deles eram criticados e alguns, na prática, subvertidos. O objetivo educacional drorista era o encaminhamento do *chanich* para *uma vida sexual saudável*, e, num sentido mais amplo, uma vida interna livre dos recalques sociais que uma sociedade hipócrita e cheia de preconceitos determina.

Uma solução satisfatória para os problemas sexuais era vista como possível apenas numa sociedade pautada por uma nova moral, sem entraves de ordem econômica, o kibutz. Conforme um dos argumentos, a sociedade burguesa, ao mesmo tempo em que procura adiar o casamento de jovens já sexualmente maduros, os coloca em contato com o problema - através de revistas pornográficas, do cinema e de certos ambientes - incentivando sua curiosidade e criando tabus que conduzem à contradições “resolvidas” com a masturbação e o recurso da prostituição. No kibutz, entretanto, o *chaver* recebe orientação sexual e exerce atividades sadias em que pode empregar sua vitalidade e energia. Tão logo esteja maduro, aos 17 - 18 anos, não encontra obstáculos de ordem econômica que o impeçam de se casar ou, se isso não se dá, de ter relações sexuais *livres*.¹⁰³

Para além de todos esses pontos mencionados, dentro do Movimento, os procedimentos educacionais variavam e os posicionamentos a respeito de práticas sexuais também. Os textos também não nos “ajudam” muito, não são muito claros e não entram em muitos detalhes. Justificam-se: *não é nossa intenção concluir o tema, apenas iniciar um estudo mais profundo em torno do mesmo*.

Podemos encontrar em dois textos de orientação para *madrachim* (aos quais, portanto, nem todos os *chaverim* tinham acesso)¹⁰⁴, a preocupação de atenuar as necessidades sexuais ou desviar a energia desencadeada por elas entre os jovens ainda não suficientemente maduros (em termos sociais, intelectuais, profissionais e afetivos) canalizando-as para outras atividades, diminuindo assim a tensão e o interesse excessivo por sexo num período em que o indivíduo ainda não está preparado para exercer plenas funções na família e na sociedade. *Sublimação* foi um termo empregado entre alguns droristas.

Outra preocupação que aparece nestes textos é a de procurar, através da educação no Dror, estabelecer um vínculo estreito entre relação sexual e amor (tomado como característico dos seres humanos, um diferencial que o distingue dos animais que fazem

sexo pelo sexo) apesar de se reconhecer que o desejo sexual é algo natural que surge com o amadurecimento biológico.

Entre as características do homem e suas vantagens sobre o animal, se ressalta a capacidade de amar um só ser do sexo oposto e com ele programar a vida futura conjunta e a felicidade na família que ambos formarão. (...) O ideal do amor deve ser elevado como fator educativo e amoldador de toda a personalidade. [“Educação sexual”. *Páginas para o madrich*. maio 1958.]

Nas entrelinhas podemos ler: incentivo à monogamia e a uniões “conjugais” juvenis (a partir de 17 anos, o *casamento cedo*) forjadas por laços sentimentais.

Enfim, o Dror se impunha a tarefa de transmitir aos *chaverim* uma educação de acordo com suas finalidades nacionais, sociais e culturais, ao mesmo tempo em que buscava a formação de personalidades *conscientes ideologicamente e independentes espiritualmente*. No próximo capítulo, veremos quais as metodologias, os conteúdos e alguns dos efeitos da *ação educativa* drorista.

¹ H. M. SACHAR (1958).

² J. PINSKY (1967).

³ A Organização Sionista foi fundada em 1897 por inspiração de Theodor Herzl cuja meta era erguer na Palestina um lar nacional para o povo judeu. Em 1899 foi criado o Banco de Colonização judaica e, em 1901, surge o KKL. A missão principal do KKL (*Keren Kaiemet Le-Israel* - Fundo Nacional Judaico) era adquirir terras na Palestina que seriam consideradas propriedade de todo povo judeu e que não poderiam ser vendidas e sim arrendadas a longo prazo a lavradores. O objetivo era socializar as propriedades agrícolas para que não servissem a fins especulativos ou distantes do projeto de colonização judaica (J. PINSKY 1967).

⁴ J. PINSKY (1967); I. GRIMBOIM (1955 v. II); S. N. EISENSTADT (1977).

⁵ para acompanhar os debates, ver I. GRIMBOIM (1955 v.II, especialmente a partir da p. 193).

⁶ H. SACHAR (1958); J. PINSKY (1967); S. N. EISENSTADT (1977); G. FRIEDMANN (1969).

⁷ *kvutzá* (pl. *kvutzot*), em hebraico, significa grupo, mas com relação à colonização judaica significa um grupo que adota um tipo determinado de colônia coletiva.

⁸ H. SACHAR (1958); J. PINSKY (1967).

Outros tipos de colônia foram desenvolvidos nessa época: granjas mistas, colônias de sociedades particulares. Em 1909, foi criado também um bairro inteiramente judeu (na cidade árabe de Jafa) que, em 1921, tornou-se a cidade de Tel Aviv.

⁹ S. N. EISENSTADT (1977).

¹⁰ H. SACHAR (1958); J. PINSKY (1967).

¹¹ A organização Hashomer, fundada em 1909, foi dissolvida e substituída pela Haganá em 1920.

¹² I. GRIMBOIM (1955 v.II).

¹³ S. N. EISENSTADT (1977).

¹⁴ S. N. EISENSTADT (1977); G. FRIEDMANN (1996); M. SPIRO (1996).

¹⁵ os colonizadores eram membros de grupos e partidos com elementos incluídos na Organização Sionista e eram capazes de pressionar politicamente essa instituição por uma maior alocação de fundos para o tipo de colonização que defendiam. (S. N. EISENSTADT 1977).

¹⁶ O *moshav* foi outro tipo de estabelecimento agrícola fixado nessa época. Combinava cooperativismo e individualismo. Formado por pessoas que não se adaptavam à vida coletiva, afirmando que esta tolhia a vida individual e familiar, o *moshav* era uma cooperativa de pequenas lavouras em que cada família produzia para si em um pedaço próprio de terra, morava em sua própria casa, ficava com seus ganhos e vivia de acordo com suas próprias idéias utilizando equipamentos e máquinas em comum, procurando vender a produção em conjunto e decidindo as políticas da colônia através da eleição de um comitê. (J. PINSKY 1967; H. SACHAR 1958).

¹⁷ J. PINSKY (1967); S. N. EISENSTADT (1977).

¹⁸ A idéia aqui não é fazer uma análise aprofundada do pensamento dos autores e sim apresentar o conteúdo de suas teorias baseando-me em grande parte no material de leitura disponível aos *chaverim* do Dror. Os pensadores tratados são os que mais aparecem no material educativo do Movimento e também os mais citados pelos entrevistados como os de maior influência na ideologia drorista.

¹⁹ Gordon nasceu num pequeno povoado na Rússia em 1856 numa granja administrada por seus pais, onde passou sua infância. Dos 14 aos 15 anos estudou a *Torá* em Vilna; posteriormente, passou a dedicar-se aos estudos laicos e ao aprendizado de vários idiomas, entre os quais o hebraico. Após casar-se com uma prima, tornou-se funcionário de parentes seus mais ricos arrendando-lhes um grande pedaço de terra de 1880 a 1903. Durante esse período, interessou-se pelo ideal sionista, abriu sua casa a jovens inquietos e revolucionários e proferiu palestras divulgando algumas de suas idéias e conseguindo muitos adeptos. Aos 48 anos, após a morte de seus pais, com dois filhos crescidos, deixou para a esposa quase todo o dinheiro que possuía e foi viver na Palestina disposto a realizar trabalho braçal e viver ligado à terra. Em 1904, praticamente desconhecido, foi para a Palestina como muitos outros idealistas sionistas, geralmente mais jovens do que ele. Em pouco tempo, tornou-se uma personalidade central em Eretz e suas idéias ganharam muitos adeptos. Sem nenhuma experiência em trabalhos físicos, distante dos anos de juventude e com uma saúde delicada, mesmo assim, insistiu em trabalhar na terra e viver como agricultor, pois acreditava que a redenção do homem viria através do trabalho físico que “regenera o corpo e educa o espírito”. Trabalhou cinco anos nas vinhas e laranjais de Petah Tikva e mais dez em diversos lugares da Galiléia. (Em 1909 chegaram sua filha e sua mulher, esta, faleceu quatro meses depois). Gordon passou seus últimos dias trabalhando na colônia coletivista Degânia. Desde sua morte, transformou-se em mito e herói nacional. Em sua lápide está escrito: “Lavrador do homem e da natureza”. (A. HERTZBERG 1969; N. KURNAS (dir.) 1953). Para escrever sobre as idéias de Gordon, consulte: A. MANOR (s.d.); H. SACHAR 1958; M. SPIRO 1969 e a coletânea de textos seus em N. KURNAS (dir.) 1953.

²⁰ do texto de Gordon, “Lógica para o futuro” (1910), publicado em A. HERTZBERG (1969).

²¹ Eram difundidas em artigos, traduções ou pequenos livros produzidos em português e espanhol pela Organização Sionista ou pelos próprios *chaverim* do Dror. Por exemplo: a coletânea de textos de Gordon editada pelo Keren Hayessod sob a direção de Nahum Kurnas de março de 1953 ou a editada pelo Movimento Gordônia no Rio de Janeiro em 1951 (com trechos escolhidos de textos variados sem datas ou ordem de importância), o livro de Alexander Manor, *Fuentes del sionismo socialista* (s.d.) (uma análise geral da obra de Gordon).

²² Ber Borochov nasceu em uma pequena cidade da Ucrânia e cresceu em Poltava, cidade habitada por revolucionários exilados e grupos sionistas, num ambiente em que as discussões sobre socialismo e sobre sionismo estavam muito presentes. Foi educado primeiramente por seus pais, pessoas tidas como altamente intelectualizadas, estudou na escola local, mas resolveu não ingressar na universidade temendo o ambiente de anti-semitismo que lá encontraria. Dedicou-se à política. Depois de ser expulso do Partido Social Democrata, acusado de desviacionista sionista, atuou a favor do nacionalismo judaico em grupos de trabalhadores e desenvolveu seu pensamento marxista sionista. Moveu-se entre a confusa variedade de grupos sectários da esquerda sionista. Em dezembro de 1906, o Poalei Tsion russo cristalizou-se e Borochov, ajudado por Isaac Ben-Zvi, redigiu sua plataforma. Depois de 1907, dificuldades com a polícia russa o forçaram a sair do país e viajar pela Europa como um funcionário propagandista do partido. Com a eclosão da I Guerra mundial, foi para os Estados Unidos onde continuou sua carreira como ideólogo, escritor e membro do partido. Em março de 1917, retornou a sua terra natal e morreu em Kiev, em dezembro, aos 36 anos. A. HERTZBERG (1969). Para escrever sobre as idéias de Borochov, consulte: B. BOROCHOV (1953); B. BOROCHOV (1972); J. PINSKY (1997); S. FRIESEL (1956).

²³ Uma parte significativa dos pioneiros da II *aliá* pertencia ao Poalei Tsion - movimento político sionista socialista surgido no Império Russo no final do século XIX; definido como partido organizado e marxista em 1906 (Partido Social Democrata Operário Judeu “Trabalhadores de Sião”), seguia, então, as idéias de Borochov. Ao emigrarem para Eretz Israel, esses pioneiros mantiveram seus vínculos e conservaram a doutrina sionista socialista, fazendo com que o partido tivesse grande importância na vida judaica na Palestina. Em 1930, por obra de Ben Gurion entre outros, o Poalei Tsion fundiu-se ao partido Hapoel Hatzair (também “trazido” à Palestina pela II *aliá*) criando então o MAPAI (sigla de Mifleguet Poalei Eretz Israel - Partido dos trabalhadores de Israel) que muito contribuiu para a fundação do Estado de Israel. (H. SACHAR 1958; S. N. EISENSTADT 1977).

²⁴ em um de seus textos mais importantes - "Os interesses de classe e a questão nacional" - escrito na Rússia em 1905. São também baseadas nesse texto as observações dos próximos 7 parágrafos. Este texto encontrava-se entre o material educativo do Dror e costumava ser discutido pelos chaverim mais velhos.

²⁵ Segundo Borochoy, *condições de produção* são as condições da natureza, geográficas, antropológicas (pessoas, raças etc.) e as históricas internas - que se formam no interior de um grupo humano - e históricas externas - e que se manifestam nas relações sociais com seus vizinhos. As *condições de produção históricas* são criadas no processo de produção, mas têm uma influência reconhecidamente independente.

²⁶ Borochoy chama de *sociedades* organismos sócio-econômicos tais como nações, povos, estados, tribos.

²⁷ J. PINSKY (1996).

²⁸ no texto "Nossa Plataforma" de 1906 (também parte do material educativo drorista). São desse texto as idéias desse e dos próximos 7 parágrafos.

²⁹ *A realização do socialismo ocorre no processo imanente da concentração dos instrumentos de produção que se efetua com o auxílio da luta de classes do proletariado em aliança com a ampla periferia das massas trabalhadoras oprimidas. A realização da autonomia nacional-política ocorre no processo imanente da nacionalização da sociedade efetuando-se com a ajuda da luta de classes do proletariado em aliança com todas as classes interessadas na nação. A realização da autonomia territorial ocorre no processo imanente da migração judaica concentrada efetuando-se através da luta de classes do proletariado judeu.* - B. BOROJOV. "Nossa Plataforma" (1972 pp. 104-105).

³⁰ Para comentários e contextualização das idéias de Borochoy ver S. MAHLER (1972). R. MAHLER (1972) analisa a doutrina de Borochoy sob uma perspectiva histórica. E para uma avaliação das idéias de Borochoy do ponto de vista teórico-marxista, das falhas em seus prognósticos, da ideologia e da sua utilidade nos dias de hoje (final do século XX), ver J. PINSKY (1996 pp.160-163).

³¹ que pode ser resgatado através dos depoimentos e dos materiais utilizados pelo Dror produzidos ou não pelo próprio Movimento.

³² HANAGÁ ARTZIT (junho 1958).

³³ B. KATZENELSON. "Elevação do homem no socialismo" In HANAGÁ ARTZIT (junho 1958).

³⁴ B. KATZENELSON. "Unidade obreira" In HANAGÁ ARTZIT (junho 1958).

³⁵ A. MANOR. "Berl Katzenelson". (s.d.).

³⁶ B. KATZENELSON. "Em prosa: conversações com madrichim" In HANAGÁ ARTZIT (junho 1958).

³⁷ B. KATZENELSON. "Nosso patrimônio histórico". In Revista *Dror*. n.1, nov. 1949.

³⁸ N. SIRKIN. "O que é sionismo socialista". In Revista *Dror*. n.1, nov. 1949.

³⁹ A. MANOR. "Berl Katzenelson". (s.d.).

⁴⁰ *Boletim informativo da Kvutzá Berl Katzenelson*. n.1. 23.06.1948.

⁴¹ ver também, no capítulo III, a parte que se refere ao material educativo do Movimento.

⁴² como analisa o trabalho de Rachel ELBOIM-DROR (1994), que relaciona a opinião de autores dos romances utópicos a respeito de gênero com suas orientações políticas, filiações de classe, culturais e religiosas nos anos de 1882 a 1920. Seu artigo examina 5 romances escritos por E. Eisler (1882), E. Levinsky (1892), T. Herzl (1897), B. Shatz (1906) e S. Bernfeld (1920) e constata que, embora todos eles proclamem a igualdade da mulher, não conseguem traduzir isso em realidades de suas sociedades imaginárias tratando as mulheres de maneira romântica e padronizada, condescendente e preconceituosa. Mesmo Shatz e Bernfeld, que são influenciados pelas utopias socialistas e favoráveis à abolição das "cadeias que prendem as mulheres ao serviço doméstico", segundo Elboim-Dror, mantêm as mulheres subordinadas aos homens e preocupadas prioritariamente em agradá-los e serem mães. Embora ambos os autores sejam favoráveis a uma ruptura dos padrões familiares tradicionais, são incapazes, segundo a pesquisadora, de refletir sobre as implicações para a mulher de tal inovação e de apresentar uma resposta sobre qual o espaço da mulher "livre dos trabalhos domésticos" teria na nova sociedade dos judeus. Mesmo eles "não puderam escapar à contradição entre princípios igualitários (com os quais imaginam transformar a sociedade judaica) e sua inabilidade simultânea de abandonar as normas tradicionais da família judaica" - afirma Elboim-Dror. Tais romances não faziam parte das leituras dos chaverim do Dror no Brasil, cujas referências com relação às questões de gênero vinham diretamente de suas imagens sobre a prática kibutziana.

⁴³ como mostra, entre outros, o estudo de Nancy GREEN (1991) sobre as mulheres judias na Europa da época.

⁴⁴ (R. ELBOIM-DROR 1994). Como a intenção aqui é apenas fazer um esboço das ideologias, não cabe uma exposição das experiências das primeiras *chalutzot* - suas expectativas, conquistas pessoais e frustrações.

Sobre as experiências, impressões e dilemas destas pioneiras, ver, por exemplo, R. ELBOIN-DROR (1994) pp.110-113.

⁴⁵ por exemplo, R. ELBOIN-DROR (1994); M. SPIRO (1996); Y. TALMON (1978).

⁴⁶ M. SPIRO (1996).

⁴⁷ M. SPIRO (1996).

⁴⁸ S. N. EISENSTADT (1977).

⁴⁹ M. SPIRO (1969), (1977) e (1996); Y. TALMON (1978); S. N. EISENSTADT (1977); L. TIGER e J. SHEPER (1977); B. BETTELHEIM (1971).

⁵⁰ Tomo emprestado o termo “fase revolucionária” de Y. TALMON (1978) que distingue essa fase da história do movimento kibutziano do momento seguinte, “o processo de rotinização”, comparando padrões de família e imagens que operavam no estágio inicial do movimento kibutziano com os de um período posterior. Emprego essa distinção com fins metodológicos, para deixar claro que a ideologia dos *kibutzim* sofreu transformações de um modo geral. Pensando em termos concretos, nem todos os *kibutzim* passaram obrigatoriamente pelas mesmas mudanças, mantendo características da “fase revolucionária” em alguns aspectos e desenvolvendo a “rotina”, rompendo com antigos ideais, em outros aspectos. *Kibutzim* mais novos não passaram necessariamente por todos os aspectos da dita fase revolucionária pela qual passaram *kibutzim* mais antigos. Por outro lado, podem ser encontrados *kibutzim* diferentes vivendo “fases” distintas em uma mesma época histórica.

Os jovens que participavam do Dror no início do movimento no Brasil, conforme constatei em várias entrevistas, em geral, não tinham informações tão “sociologicamente” detalhadas sobre a vida no kibutz, as discussões que envolviam seu dia a dia ou as mudanças por que passavam os *kibutzim* mais antigos e estruturados em Israel. Pensavam no kibutz em termos mais gerais e com muitos dos parâmetros forjados ainda nos tempos das *heróicas* II e III *alioi*. Ver sobre as expectativas dos *chaverim* brasileiros com relação ao kibutz no capítulo III.

⁵¹ O kibutz sofreu muitas alterações nas últimas décadas, à medida em que Israel integrou-se mais claramente à economia ocidental, que os *kibutzim* foram perdendo espaço político no país e que muito dos valores kibutzianos dos primeiros tempos começaram a ser questionados pelos próprios membros do kibutz.

⁵² M. SPIRO (1969), (1977); Y. TALMON (1978).

⁵³ Muitos *kibutzim*, especialmente os mais antigos, passaram uma fase em que o princípio da igualdade era levado tão ao pé-da-letra que as roupas todas não eram personalizadas com marcas na lavanderia podendo ser usadas por qualquer um; esse esquema foi substituído pela distribuição de acordo com o tamanho. Um terceiro sistema consiste em distribuir as roupas individualmente, cada um usa a “sua”.

⁵⁴ M. SPIRO (1969).

⁵⁵ M. SPIRO (1969), (1977); Y. TALMON (1978).

⁵⁶ Y. TALMON (1978).

⁵⁷ Os fundadores dos primeiros *kibutzim* eram em grande parte jovens urbanos de classe média e pequena burguesia. O próprio abandono voluntário de um estilo de vida pequeno burguês, desenvolvido em um meio em que o trabalho braçal era desvalorizado, já significava para eles uma grande transformação espiritual. (M. SPIRO 1969).

⁵⁸ Y. Talmon (1978).

⁵⁹ Segundo M. Spiro (1977), a família, *mispachá*, no kibutz - pais, filhos e irmãos - sempre pôde ser identificada pelos seus membros e pelos outros como uma unidade. Para Y. Talmon (1978), mesmo durante os primeiros tempos, em que o viés anti-família era forte e a ideologia do kibutz mais ambígua, a família permaneceu uma unidade identificável.

⁶⁰ M. SPIRO (1969), (1977); Y. TALMON (1978); L. TIGER e J. SHEPER (1977).

⁶¹ M. SPIRO (1996).

⁶² M. SPIRO (1969), (1977); Y. TALMON (1978).

⁶³ ver por exemplo, Y. TALMON (1978). Para M. Spiro (1977), embora os filhos fiquem a maior parte de seu tempo com seus companheiros da mesma idade e seus instrutores, laços importantes entre pais e filhos são forjados e mantidos. Esses laços são principalmente psicológicos e envolvem carinho, segurança, interação e atenção especiais.

⁶⁴ M. Spiro (1969) e (1977) observa que as crianças são extremamente valorizadas no kibutz (confirmando um traço da cultura judaica tradicional): são vistas como um tesouro e recebidas com alegria pela comunidade.

Recebem muitos cuidados, atenções e mimos (desproporcionais com relação ao que recebem os adultos, os casados e os solteiros, capazes de se sacrificar pelo bem estar das crianças no kibutz). As crianças são valorizadas também, porque o kibutz, sendo revolucionário e considerando-se uma “grande família”, justificasse, em grande parte, se produzir “filhos” que optem por continuar o trabalho iniciado por seus “pais”.

⁶⁵ Y. TALMON (1978).

⁶⁶ G. FRIEDMANN (1969).

⁶⁷ Y. TALMON (1978).

⁶⁸ Posteriormente, eles podem se casar para satisfazer as leis do Estado.

⁶⁹ M. SPIRO (1977).

⁷⁰ A dedicação à causa revolucionária exigia disciplina rigorosa e responsabilidade e *postergava recompensas*. Nos primeiros tempos dos *kibutzim*, era forte a crença de que as relações amorosas eram um problema, pois distanciava os apaixonados do grupo. A própria *escassez de mulheres* dessa época que, por um lado, favorecia as trocas de parceiros, por outro lado, reforçava o ascetismo dos *chalutzim*. (Y. TALMON 1978 pp. 9-10)

⁷¹ Entre essas práticas, Y. Talmon menciona: - tratar as questões sexuais como um assunto a ser discutido como qualquer outro, com objetividade e franqueza; - minimizar as diferenças sexuais em termos de aparência física e execução de tarefas cotidianas; - reduzir a segregação sexual e o sentimento de “vergonha” do corpo; - criar expectativa de que homens e mulheres se tratem mutuamente de modo sexualmente neutro e prosaico; - conter todas as manifestações de afeto sexual em público e evitar ficar muito perto do companheiro em locais coletivos, mesmo quando se trata de um casal que vive junto. (Y. TALMON 1978).

⁷² M. SPIRO (1977); Y. TALMON (1978).

⁷³ ver mais sobre esse assunto no capítulo III: “expectativas sobre a vida em Israel”.

⁷⁴ J. R. GILLIS (1981), “tradições da juventude” é uma expressão empregada por esse autor.

⁷⁵ Sobre a história dos movimentos juvenis em geral: J. R. GILLIS (1981). Sobre as organizações juvenis nazistas, fascistas e socialistas, ver respectivamente: E. MICHAUD (1996), L. PASSERINI (1996), H. GRUBER (1987).

⁷⁶ J. R. GILLIS (1981).

⁷⁷ Y. TALMON (1978), Encyclopaedia Judaica (1972), S. N. EISENSTADT (1951).

⁷⁸ mesma época em que se desenvolvem grupos juvenis organizados na Alemanha reivindicando o rejuvenescimento da sociedade através dos jovens, opondo-se à autoridade, criticando a sociedade adulta.

⁷⁹ Y. TALMON (1978), S. N. EISENSTADT (1951), (1977).

⁸⁰ Y. TALMON (1978), Encyclopaedia Judaica (1972), S. N. EISENSTADT (1951), (1977).

⁸¹ Y. Talmon (1978) explica a maior adesão juvenil à ideologia pioneira por características que atribui a “a juventude” como maior disponibilidade para rupturas com o meio social e capacidade de trabalho. Não acredito que mesmo essas características sejam a-históricas. Pelo menos, elas parecem se aplicar às sociedades modernas, em que a família não é unidade básica da produção, e a uma época em que o consumismo não é tão acentuado entre os jovens, e, com mais certeza, ao período histórico que coincide com o desenvolvimento dos movimentos juvenis pioneiros.

⁸² S. N. EISENSTADT (1951), (1976), (1977).

⁸³ Encyclopaedia Judaica (1972), S. N. EISENSTADT (1951), (1977).

⁸⁴ Segundo análise de S. N. EISENSTADT (1977), no final dos anos 50-início dos anos 60 os movimentos juvenis ditos pioneiros em Israel já tinham perdido algo de sua antiga força e caráter revolucionário em detrimento da *predominância das atividades puramente sociais*, havendo um *declínio da participação ativa em tais movimentos especialmente de identificação com seus ideais pioneiros* ao lado de uma ênfase crescente dada pela sociedade às ocupações profissionais e acadêmicas, enfim, os movimentos juvenis viam enfraquecer *seu papel como agente de mudança social* e como *canal de orientação* para os valores coletivos.

⁸⁵ “Gordon - Borochoy”. *Boletim Informativo Kvutzá Berl Katzenelson*. n.2 e 3, 23.08.1948; S. FRIESEL (1956) - “O que nos trouxe ao Movimento?”.

⁸⁶ ver mais sobre isso em “Leituras”, no capítulo III.

⁸⁷ para a definição das linhas ideológicas gerais do Dror foram consultados basicamente: *Plataforma do Movimento* - jul. 1951; P. SINGER (1950); S. FRIESEL (1956); M. TUDER (1956); depoimentos; resoluções do *I Kinus Chinuchi* 20-24 julho 1950, temário do *II Kinus Chinuchi* 20-24.07.1951; “Caminhos e finalidades educativas”. *Veidá Ichud* 19-21.12.1952; *II Kinus Artzit do Ichud* 31.07 - 03.08.53; sichá: *Materialismo*

Histórico. 1951; *II Kinus Sul Americano* 05.1951; *IV Kinus Artzit* 27-31.07.1950. Na medida do possível, procurei preservar o vocabulário e a construção de frases dos documentos escritos.

⁸⁸ Até 1951, o Dror ligava-se à federação kibutziana Hakibutz Hameuchad; após 1951, estava ligado à federação Ichud Hakvutzot Vehakibutzim. O grupo com o qual o Dror se identificava em sua federação era a favor de *kibutzim* grandes e receptivos (sem muitos obstáculos ideológicos para a absorção de membros) e do desenvolvimento não só de ramos agrícolas, mas também artesanais e industriais. Não era pró-soviético e sim politicamente mais orientado para o Ocidente. (para detalhes sobre as federações, ver: L. TIGER e J. SHEPHER (1975) pp.58-64).

⁸⁹ as observações sobre a questão da “juventude” e a questão de “classe” no Dror foram feitas a partir da análise de vários documentos: *Plataforma do Movimento* 1951, Boletim Informativo da Kvutzá Berl Katzenelson 1948, Boletim Informativo da Kvutzá Enzo Sereni. n.3 1950; S. FRIESEL (1956); Samuel Karabtchevsky - “A nossa chalutziação”. *Dror* n.4, jun. 1950; *Páginas para o Madrich*. n.3, maio 1959; Hanagá Artzit. *Origens dos movimentos juvenis*, sichá para magshimim, 1. ano, s. d.; *Dror* n.4, jun. 1950; M. TUDER (1956), entre outros.

⁹⁰ Nancy ROZENCHAN (1993) analisa as conseqüências dessa imagem na produção literária da jovem geração que tomava a cena cultural israelense nos anos 50 e as mudanças nela ocorridas após a exposição dos dramas pessoais dos sobreviventes do Holocausto no julgamento do nazista Adolf Eichmann em 1961, quando, então, ampliou-se na nova sociedade israelense a noção de “resistência” judaica no tempo da Guerra.

⁹¹ Para desenvolver as considerações a seguir sobre valores burgueses, *hagshamá*, profissionalização, foram consultados os seguintes documentos: *Boletim Informativo Kvutzá Enzo Sereni* 10.1949; S. KARABTCHEVSKY (1950); *Dror*, jun. 1950.; Temário do IV Kinus Artzit 07.1950; Paulo Singer. “Profissionalização, o problema da vocação”. *Dapim Lachaver*. n.2 15.08.1950; S. FRIESEL (1950); Américo Plut. “Hachshará”. *Boletim Informativo da Kvutzá Berl Katzenelson*. n.2 e 3., 23.08.1948.

⁹² *o chalutzianismo é o único meio de fortalecer a classe obreira, de evitar a exploração do homem, de estabelecer uma economia socialista e combater a burguesia em Israel, que em sua instabilidade, participa da formação de partidos de ideologia fascizante.*

⁹³ Ben GURION. “Exército, instrumento da nação”. *Dror*, nov. 1949.

⁹⁴ “Caminhos e finalidades” - *Veidá Ichud* 19-21.12.1952.

⁹⁵ ver por exemplo: *II Kinus Chinuchi* (1951), *Princípios de nossa educação* (1956), *Páginas para o madrich* - Seminário de chinuchi (maio 1958).

⁹⁶ H. CORINALDI (1950).

⁹⁷ as informações sobre educação no Movimento vêm de: *I Kinus Chinuchi* 1950; *II Kinus Chinuchi* 1951; *II Kinus Artzi do Ichud* 1953; *Plataforma do Movimento* - 1951; “Caminhos e finalidades educativas”. *Veidá Ichud* 1952; *II Kinus Artzit do Ichud* 1953; *II Kinus Sul Americano* 1951; *IV Kinus Artzit* 1950; Beniamin - “Síntese em educação”. *Páginas para o madrich*. maio 1959; P. SINGER (1950); S. FRIESEL (1956); M. TUDER (1956); S. FRIESEL (1950); “Educação sexual”. *Páginas para o madrich*. maio 1958.

⁹⁸ M. TUDER (1956).

⁹⁹ palavras do texto de M. TUDER (1956), grifo meu.

¹⁰⁰ o Dror se opunha ao sistema de autocritica pública e, a seu ver autoritária, desenvolvida pelos partidos comunistas.

¹⁰¹ Encontrei relativamente pouca documentação sobre *educação sexual*. *Páginas para o madrich*, maio 1958; M. TUDER (1956); “Sex education”. *Proposta educativa conjunta*. 1963.

¹⁰² Ninguém soube esclarecer quais eram considerados os males da masturbação e não encontrei qualquer explicação sobre isso por escrito nos documentos.

¹⁰³ Esse era um dos modos de ver a questão, mas não se pode dizer que era a posição do Movimento. Para outras opiniões, ver capítulo III.

¹⁰⁴ M. TUDER (1956). “Educação sexual”. *Páginas para o madrich*. maio 1958.